

Lugares de encontro: uma investigação metodológica sobre práticas de planejamento urbano

Lugares de encuentro: una investigación metodológica de las prácticas urbanísticas

Sessão Temática: ST01. O processo de projeto

BETTIO, Letícia; Arquiteta e Urbanista; Faculdade de Arquitetura,
leticiabettio@gmail.com

Resumo

Este artigo resulta da investigação projetual desenvolvida no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado para colar grau como Arquiteta e Urbanista na Faculdade de Arquitetura da UFRGS, no semestre 2021.2. Tal trabalho teve o objetivo de analisar o Bairro Campo Novo, na capital gaúcha, a partir das contradições que permeiam sua evolução urbana, na busca por encontrar ferramentas que possam instrumentalizar um plano para o bairro, e que considerem lugares de encontro, manifestações da coletividade, e estratégias que auxiliem na manutenção de uma relação afetiva entre corpo e espaço. Este artigo busca mostrar alternativas metodológicas para a área de planejamento urbano, frente às práticas consolidadas na Faculdade de Arquitetura da UFRGS. Tal investigação considera a integração dos saberes, tanto entre disciplinas extracurriculares, como entre técnica aprendida em sala de aula e vivência apreendida no cotidiano.

Palavras-chave: investigação projetual, plano de bairro, lugares de encontro.

Abstract

This paper results from the investigation developed for the final undergraduate project, requested to be able to graduate as Architect and Urban Planner at the College of Architecture at UFRGS, in the second semester of 2021. This final project aimed to analyze a neighborhood in the capital of Rio Grande do Sul - named Campo Novo - seeking out tools that can implement a plan for the neighborhood, and that consider meeting places, and strategies that help maintain a relationship of affection with the living space. This paper seeks to show methodological alternatives for the area of urban planning, in contrast to the consolidated practices at the College of Architecture at UFRGS. Such investigation considers

the integration of knowledge, both between extracurricular subjects, as between the technique learned in the classroom and the experience learned in day to day life.

Keywords: project investigation, neighborhood plan, meeting places.

1. Introdução

A expressão lugar é polissêmica, ou seja, possui uma variedade de significados: localidade, espaço ocupado, ponto de referência, entre outros. Na Geografia, este conceito transcendeu a noção de uma simples porção definida de um espaço, para ganhar sentidos subjetivos, relacionados às afetividades que podemos adquirir pela paisagem. Paisagem essa, definida por Raquel Tardin como:

[...] a interação entre homem e natureza de acordo com o olhar humano. É a instância físico-espacial vivida e criada pelo homem e por ele percebida e significada. É lugar da vida – dos encontros, das festas, das crenças, das artes, do habitar, do produzir, etc. (TARDIN, 2018)

Os lugares de encontro se dão em diversas escalas. Encontros entre vizinhos na calçada, entre as realidades sociais heterogêneas que convivem dentro de um mesmo bairro; encontros entre a natureza remanescente - suas concentrações verdes, os braços de seus arroios -, com o ritmo crescente da urbanização; encontros entre os resquícios de uma cidade (não mais) rural com a inevitável especulação imobiliária que avança para a zona sul de Porto Alegre. Encontros também imprescindíveis entre os diversos saberes - para além da arquitetura e do urbanismo dentro da academia - com os saberes do cotidiano, da vivência do espaço, da co-presença e do olhar para o outro.

Na busca por uma razão de existir para a proposta do trabalho, as leituras sobre o *devoir* contribuíram para a concepção de possíveis significados que pudessem equilibrar os anseios em investigar este espaço em Porto Alegre. O conceito de *devoir* foi muito discutido ao longo dos anos na filosofia, e guarda muitas interpretações:

A mudança como única constância na existência; não podemos entrar em um mesmo rio duas vezes (1)

A realidade que nos cerca se movimenta também em mudança (2)

Resume a existência das coisas em si, sua materialidade, faz com que tudo se movimente para a perfeição a qual está destinado (3)

Sintetiza o aparecimento da verdade na realidade, movimenta a história através de uma força organizadora (4)

Mas também pode ser o impulso da vontade, a partir de desejos; não somente "vir a ser algo", mas "vir a ser algo maior" (5)

¹ Interpretações livres e pessoais dos estudos e conceitos de *devoir* trabalhados respectivamente por (1) Heráclito, (2) Platão, (3) Aristóteles, (4) Hegel, (5) Nietzsche e (6) Delleuze

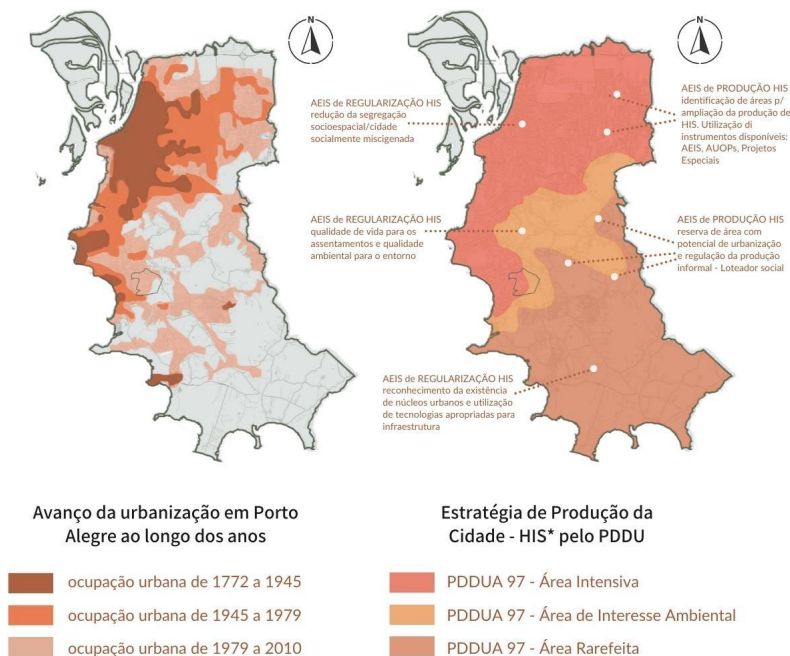
De maneira ampla, é o desejo de fazer-se co-presente; não é uma criação individual, mas um encontro com o outro. Outros indivíduos, outras realidades a nossa volta (6)

Ao longo do anos, o bairro Campo Novo passou por constantes transformações. Sua força organizadora mudou com o tempo, a forma como as pessoas o conhecem: de zona rural, a pedaço de fim de mundo, até finalmente conseguir ser reconhecido como bairro pela prefeitura de Porto Alegre, ao oásis que hoje é vendido pelas incorporadoras. Dentro de todos esses conceitos e esse constante ir e vir - de pessoas, nomes, alcunhas, apelidos -, que forças construíram, e por que não, também descaracterizaram o bairro? Como o Campo Novo se adapta às urgências de novos tempos? E por fim, por que apesar de nítidas as transformações pelas quais ele passou, ainda há um caráter generalizado de que ficou parado no tempo?

1.1. Devir - uma realidade de constante movimento

Em Porto Alegre, a urbanização inicialmente concentrou-se nas regiões Centro e Norte do município (figura 1), devido à posição geográfica privilegiada em relação aos acessos fluvial e terrestre da cidade. Essa urbanização concentrada no centro fez com que a região sul mantivesse um caráter rural durante muitos anos, ao lado de vastas áreas verdes.

Figura 1: As narrativas da regulação urbana em Porto Alegre



Fonte: Autora, 2022

No entanto, o crescente aumento populacional e as alterações no Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental (PDDUA), fizeram da zona sul foco de expansão urbana e, por conseguinte, especulação imobiliária. Essa proximidade com a natureza é frequentemente utilizada como estratégia atrativa de venda, visando uma população de alta renda, que está cansada de viver no "caos da cidade" e busca a tranquilidade, em um movimento à *la arcadismo contemporâneo*².

A alta demanda por construções na antiga zona rural é utilizada como justificativa para inúmeras flexibilizações na legislação, favorecendo grandes incorporadoras e deixando de lado o interesse dos pequenos produtores rurais da região. A equação inclui falta de incentivo econômico para atividade primária, alteração na tributação sobre as terras (agora urbanas e não mais rurais), somada à pressão da bolha imobiliária; e o resultado é inevitável: a produção rural em Porto Alegre está com os dias contados, bem como a preservação de suas matas nativas circundantes.

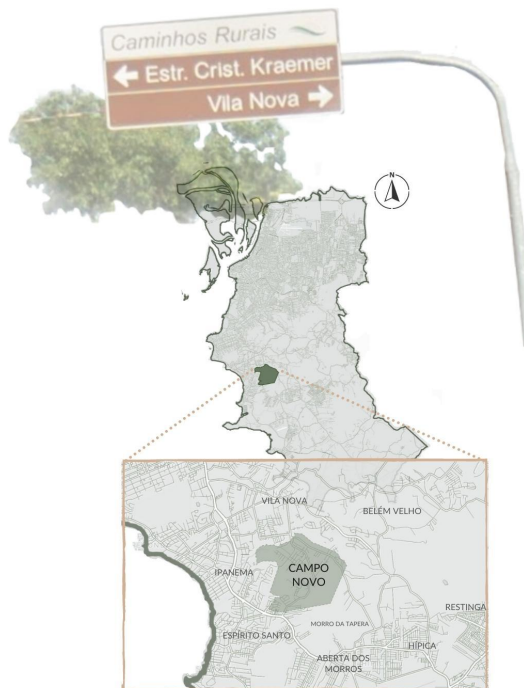
Não é novidade que as regiões mais afastadas dos centros de grandes cidades são comumente preferidas pelas gestões municipais neoliberais para dispersão da população mais pobre; especialmente após a alteração do PDDUA definir que a totalidade do território de Porto Alegre seria denominado como urbano. Ou seja, sobrepondo o perímetro urbanizado sobre o que anteriormente era considerado zona rural, facilitando a construção de habitação de baixa renda nas áreas mais afastadas do acesso à infraestrutura urbana já consolidada, e abrindo um nicho a ser explorado pelas incorporadoras na construção de infraestrutura para atender as novas áreas urbanas da cidade.

1.2. Contextualização do bairro Campo Novo

O Campo Novo é um bairro da zona sul de Porto Alegre (figura 2), criado pela Lei n.º 11.058 de 11 de março de 2011, juntamente com o bairro Chapéu do Sol, e alterado pela Lei 12.112 de 2016. Na ocasião deste projeto de lei, o vereador responsável afirmou ser "*o primeiro passo para a afirmação geopolítica da comunidade*" e que a região dos dois novos bairros necessitava de "*forte processo de regularização fundiária*". Com isso, não demorou muito para que o bairro - anteriormente característico como uma região de produção primária da cidade - ganhasse o foco do Departamento Municipal de Habitação (DEM HAB), para implantação de casas populares do programa municipal, bem como do Programa Federal Minha Casa Minha Vida (PMCMV).

² O arcadismo foi um movimento literário europeu do século XVIII. Caracterizou-se por retomar as temáticas que recorriam ao bucolismo, aos temas pastoris, aos elementos da natureza. Um dos principais temas árcades foi resumido na expressão latina "fugere urbem", ou seja, "fuga da cidade".

Figura 2: Localização do bairro em Porto Alegre



Fonte: Autora, 2022

Neste fragmento de Porto Alegre, seus quase nove mil moradores ao longo dos anos construíram uma noção de sociabilidade urbana contraditória. Zona rural, cidade rururbana, fim de mundo, oásis em meio à selva de pedra, são alguns dos conceitos que marcam o entendimento sobre esse lugar. Oficializado enquanto bairro somente em 2011 pela prefeitura, o Campo Novo há muito já tinha esse nome, uma identidade, delimitação e sentido estabelecidos pelos seus moradores. Cenário também de disputas retóricas sobre seu uso e regulação, ainda é lugar de encontro de diversas realidades, paisagens, caminhos e afetos.

Nas imagens de satélite abaixo (figura 3) temos a evolução da mancha urbana no bairro. De 1985, apesar da baixa qualidade da imagem, é possível notar uma predominância significativa das áreas verdes; o grão de ocupação provavelmente era muito pequeno, quando comparado ao seu entorno natural. A partir de 2011, no entanto, vemos o surgimento das primeiras manchas de terraplanagem, demarcando o perímetro de um futuro condomínio fechado de alto padrão, bem como o surgimento de dois empreendimentos de habitação popular que contrastam com o grão ao redor, por serem os primeiros prédios em altura da região. Em 2013 vemos a infraestrutura do condomínio já consolidada, demarcando uma interrupção na mata nativa.

Figura 3: Evolução da mancha urbanizada no Campo Novo



Fonte: Autora, 2022

2. Problemática: o lado rural perde espaço

A reportagem do Jornal do Comércio que empresta o subtítulo a esta sessão (figura 4) começa com uma memória romântica do bairro: *"Do alto dos pessegueiros de uma chácara, a paisagem bucólica do campo que predominava alguns anos atrás no horizonte é interrompida. [...] Um lugar onde o cinza do concreto começa a dividir espaço com o verde da natureza."*

Figura 4: o lado rural perde espaço

Jornal do Comércio

O lado rural de Porto Alegre perde espaço

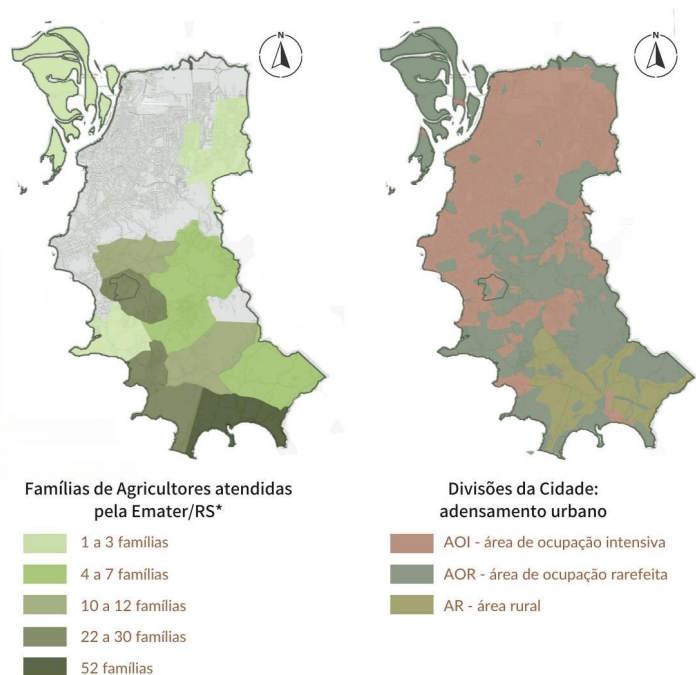
A expansão imobiliária, aliada a velhos problemas do campo, como a falta de sucessores e o clima, tem ocasionado a diminuição da área plantada no extremo Sul da Capital ano após ano

Fonte: <https://www.jornaldocomercio.com/site/noticia.php?codn=115372>

É difícil distinguir se essa demarcação do cinza se expandindo sobre o verde advém de uma estratégia de adensamento urbano prevista pelo PDDUA, ou se a urbanização representada como "as divisões da cidade" (figura 5) foi quem gerou as discussões para alteração na

legislação, e consequente 'des'-demarcação da zona rural de Porto Alegre. O fato é que a especulação imobiliária está avançando sobre a cidade rururbana, com propostas quase irrecusáveis de compras das chácaras dos produtores rurais, para dar lugar a condomínios fechados. Hoje, na região do Campo Novo, restam cerca de 22 a 30 famílias de agricultores, segundo dados da Emater.

Figura 5: Reminiscências rurais



Fonte: Autora, 2022

Há quase uma década não há mais zona rural demarcada em Porto Alegre. Em 2014, a Supervisão de Desenvolvimento Urbano (SMURB) publicou o resultado de um trabalho iniciado em 2012, com considerações para subsidiar um eventual retorno da “zona rural legal”. Tal demanda originou-se no artigo 141 da Lei Complementar 646/2010 que aponta a necessidade de um grupo de trabalho para estudar e, se for o caso, encaminhar projeto de lei para a restauração da zona rural da Cidade, com sua localização, delimitação, modelo espacial e regime urbanístico respectivo.

O documento retoma o porquê da definição do “tudo é cidade” no PDDUA, reiterando que tal posição partiu de estudos urbanísticos e do reconhecimento da diversidade dos setores sul e extremo sul do município; contrariando a crítica, que aponta a expansão intensiva sobre a área agrícola como motivação para alterar os limites legais entre as zonas urbana e rural na macrodivisão territorial do 1º PDDU. Ao contrário, o novo Plano Diretor estaria enfatizando o estímulo à atividade rural, enquanto complementaridade ao urbano, para melhor possibilidade de gestão de políticas e serviços públicos. Sob esta ótica, a lógica do “tudo é

cidade” seria a mais benéfica para viabilizar um sistema de gestão integrada do planejamento territorial.

Em outros fragmentos de reportagens sobre o bairro (figura 6), podemos ver o estabelecimento de uma dicotomia conceitual sobre a compreensão deste espaço: de um lado, um Campo Novo abandonado pelo poder público, onde moradores não têm suas demandas básicas atendidas, mesmo com a alternância de gestões municipais. Por outro lado, um espaço para construir seu lar e “ser abraçado pela natureza”, para praticar o “fugere urbem” e fugir da “selva de pedra”.

Figura 6: As contradições do viver “fora da cidade”



Fonte: Autora, 2022

3. Justificativa e objetivos

O bairro Campo Novo é permeado por uma escala de realidades heterogêneas, como pôde ser observado nas análises anteriores: reminiscências rurais, loteamentos de habitação popular, condomínios fechados de alto padrão, áreas de preservação ambiental, tecidos, em suma, fragmentados da paisagem. Tal diversidade inevitavelmente gera conflitos sobre a ocupação do território, além de uma ideia difusa sobre sua identidade. Por isso, parte-se do

reconhecimento desses conflitos e da compreensão que é impossível projetar sobre um ideal de território inerte e estático, uma vez que o *devir* e o constante movimento são premissas substanciais desta investigação.

Em síntese, o TCC que embasou este artigo se propôs a elaborar - de forma experimental - um plano estratégico para interagir com as constantes transformações no tempo e no espaço, possibilitando vislumbrar mais de uma alternativa, mais de um cenário possível para o bairro. Dito isso, este artigo se justifica por explorar uma abordagem metodológica do planejamento urbano a partir dos conflitos, e da ideia de conviver com eles, sem a intenção de resolvê-los. O plano estratégico objetiva nortear cenários possíveis dessa convivência, proporcionar lugares de encontro dessas realidades. Ainda, se possível, buscar um sentido de integração, alinhando os interesses dos agentes envolvidos, numa tentativa de minimizar as fragmentações geradas por tais conflitos, e respeitando as peculiaridades e características específicas quanto aos aspectos socioeconômicos, urbanísticos e ambientais de uma paisagem diversificada, como a do bairro Campo Novo.

O plano estratégico pretende entender e instrumentalizar formas de lidar com um sistema complexo, de forma que uma alternativa não invalide necessariamente a outra. Os resultados deste trabalho pretendem demonstrar a variedade de um conjunto de ações que tenham um sentido comum, promovendo uma compreensão holística da região, alinhando expectativas e viabilizando sua governabilidade.

A gestão estratégica trata em primeiro lugar da formulação de propostas que determinem rumos ou formas de atingirem objetivos. Idalberto Chiavenato, autor brasileiro referência em Teoria da Administração afirma que:

"[...] o planejamento pressupõe a necessidade de um processo decisório que ocorrerá antes, durante e depois de sua elaboração e implementação, e ainda que o processo de planejar envolve, portanto, um "modo de pensar", e um salutar modo de pensar envolve indagações, e indagações envolvem questionamentos sobre o que será feito, como, quando, quanto, para quem, porque e onde será feito. (CHIAVENATO, 2004).

Baseado nessa ideia de temporalidade, primeiramente conceituada neste trabalho a partir do termo filosófico de *devir*, e agora a partir de uma abordagem prática, o Plano de Ações para o bairro Campo Novo se estrutura a partir de séries temporais adequadas à sua instrumentalização. Entendendo as narrativas do passado, analisando o presente e planejando o futuro, respeitando e reconhecendo as diferentes escalas do plano de ações.

4. Parâmetros do Plano de Ações

Os objetivos específicos incluem a compreensão do espaço a partir de quatro conceitos geográficos centrais (figura 7): **região**, enquanto a delimitação de um espaço de forma racional - temos as regiões de orçamento participativo, as regiões de planejamento, etc. Região é a denominação primordial para estudos que buscam entender certos aspectos de um espaço. Em segundo lugar, a **paisagem**, a tela onde vislumbramos os fenômenos espaciais: para além da percepção de sentido único da visão, pode ser apreendida por todos os sentidos.

Ainda, o **território** é o espaço de disputa entre as relações de poder, algo que não pode ser estabelecido por fronteiras rígidas; diz respeito ao espaço cotidiano onde um grupo habita. E por último, fechando de forma cíclica, o **lugar**: espaço daquilo que nos afeta diretamente, que impacta nas sensações. Espaço da afetação, espaço dos afetos. Cada uma dessas escalas se complementa na elaboração das diretrizes gerais do plano estratégico, gerando projetos e ações que instrumentalizam mudanças, em um ritmo cíclico (figura 8) de monitoramento dessas transformações e melhorias dos objetivos.

Figura 7: Organograma de planejamento



Fonte: Autora, 2022

Figura 8: Ciclo de implementação e monitoramento do Plano de Ações



Fonte: Autora, 2022

Frente às contradições analisadas, à complexidade explícita do sistema urbano, e considerando o atual modelo de enfrentamento dos conflitos territoriais, econômicos, socioespaciais e de regulação urbanística, encara-se esta investigação projetual a partir de uma lógica científica contra-hegemônica, e a partir do olhar crítico aos impactos da financeirização do espaço e especulação imobiliária sobre as áreas naturais da cidade. Este trabalho se posiciona ao tentar repensar as epistemologias que fundamentam as bases do projeto da paisagem na academia. Busca se deslocar das abordagens de planejamento do lugar comum de análise, seguido de desenho urbano e proposta-intervenção; valoriza o conhecimento a partir do contato com o outro, através de pesquisas de campo, escuta à população local e esforços para promover a participação popular na medida do possível, dadas as condições de elaboração do trabalho de conclusão de curso.

4.1. Abordagem metodológica: a essência desta investigação

Uma das ambições da ciência moderna é a resolução de problemas. O cientista observa fios embolados, cheios de nós, e aplica seus métodos para transformar aquele cenário caótico em algo organizado (CHIOLDI, 2017). Estrutura seus objetivos vislumbrando o fim, busca respostas para as questões levantadas; e quando as alcança, o problema está resolvido, podendo partir para o próximo desafio.

Em contraponto, certos desafios apresentam a necessidade de perseguir um caminho alternativo para lidar com a paisagem urbana, uma vez que - seguindo os princípios da Ciência da Complexidade - a cidade se apresenta como um sistema complexo e adaptativo, capaz de se auto organizar, definindo padrões no tempo e no espaço (CONSTANTINO, 2007). Em outras palavras, não há uma solução padronizada para os problemas da cidade, uma vez que estão em constante transformação, em um contínuo *devir*.

Isto posto, estrutura-se o plano de ações para o Campo Novo a partir de um referencial teórico que não só reconhece a "irresolução" dos problemas, como também escolhe permanecer com eles durante sua trajetória científica, convivendo com as dificuldades, e fazendo-se co-presente, promovendo um encontro com o outro (seja ele quem for). Este referencial é Donna Haraway, uma bióloga, filósofa, escritora e professora universitária estadunidense, autora do livro "*Staying with the trouble: Making Kin in the Chthulucene*".

Neste título, Haraway constrói um diálogo sobre as urgências de nosso tempo. O termo estrangeiro - sem tradução - *Chthulucene* foi criado em contraposição ao conceito de Antropoceno, que para Paul J. Crutzen é a definição da época em que vivemos, quando os efeitos da presença humana no planeta são suficientemente superlativos para constituírem uma época geológica (CRUTZEN, 2002). No entanto, Haraway afirma que o *Chthulucene* não é uma era geológica, mas sua existência de fato se justifica pelo rompimento radical com as ideias antropocênicas; trata-se de uma forma alternativa de pensar o mundo do que propriamente uma substituição. Trata-se de uma chamada por outras formas de ser, pensar

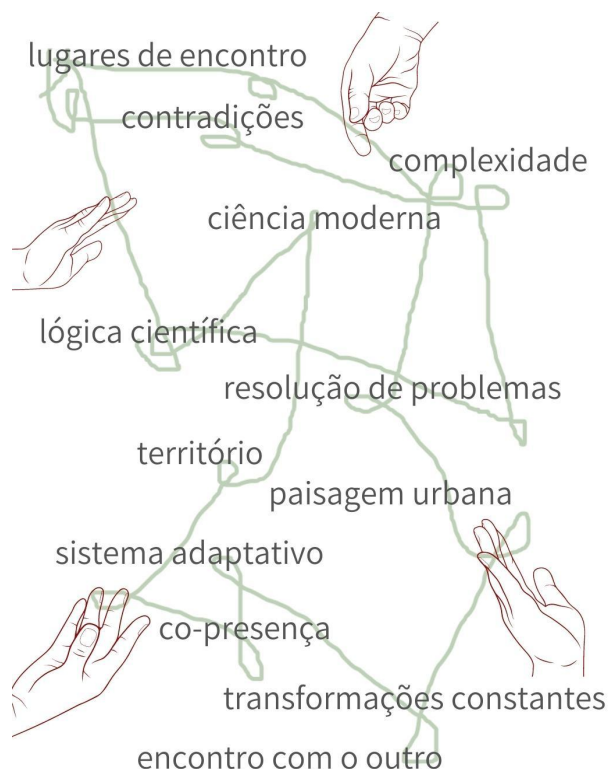
e se relacionar, a partir do entendimento de que nenhuma espécie sozinha produz nada. Todo produto é um trabalho inter-espécie.

4.2. Donna Haraway e as urgências do nosso tempo

Donna Haraway interage com a ideia dos *string figures* (figura 9) - fios de redes, jogos de barbantes, 'cama de gato' - constantemente em seu livro. Os fios embolados não representam a necessidade de solução dos nós/ problemas; não há necessidade de tentar desembaraçar, pois para ela o compromisso é com o problema em si, interagir com ele, permanecer com o problema.

"[...] Aprender a ficar com o problema de viver e morrer juntos em uma Terra danificada vai ser provar mais favorável ao modo de pensar que proporcionaria os meios de construir futuros mais habitáveis." Tradução livre. HARAWAY, 2016.

Figura 9: *String figures* - para o planejamento urbano



Fonte: Autora, 2022

As figuras textuais em Haraway são extremamente potentes: as linhas, os nós. Além disso, ela se utiliza constantemente da figura do polvo (figura 10), um animal tentacular capaz de aprender com o sistema à volta, se adaptar e inclusive regenerar suas partes, quando necessário. O pensar deve ser através de tentáculos - abraçando o problema -, e de suas ventosas - absorvendo as informações do contexto. Com tentáculos a autora explicita uma

ciência social feita a partir das relações. Lembram os conceitos de redes, tão recorrentes na Ciência da Complexidade; redes que formam encontros, a partir de linhas, criando conexões, relações.

Figura 10: Donna Haraway e as figuras tentaculares



Fonte: Still do documentário de Fabrizio Terranova, *Donna Haraway: Storytelling for Earthly Survival* (2016)

Analogamente à abordagem de Haraway, para o produto final do TCC não houve pretensão de “desfazer os nós emolados” e solucionar os problemas levantados na análise do bairro Campo Novo. Pelo contrário, buscou-se apresentar uma rede de relações entre os atores presentes no bairro, concebendo caminhos possíveis e lugares de encontro entre o urbano e o rural, entre a população e o espaço urbanizado que ela ocupa.

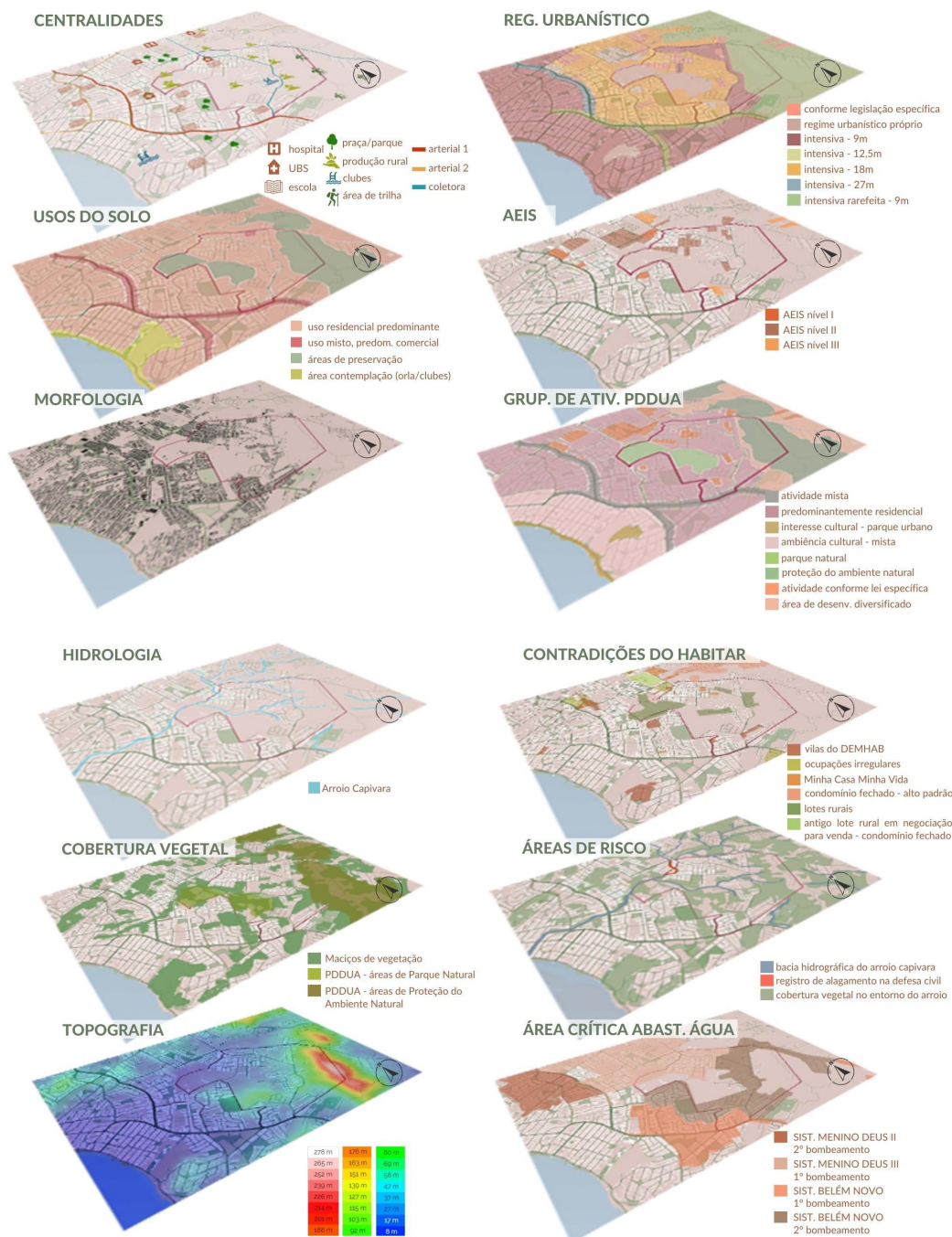
4.3. Memória: imaginação, intuição, compreensão

Dito isso, a estruturação do trabalho considerou fases que envolvem a memória do sistema urbano (coletiva, individual, mapográfica); a escuta aos moradores, numa rede de relações participativas; a definição dos nós e os fios que os conectam, através da espacialização das demandas; a compreensão do sistema, absorção de suas informações e planejamento tentacular; além da relação de contato constante, durante as etapas de trabalho, com aqueles que “escolhessem permanecer com o problema”. Tais fases foram divididas conforme segue:

- 1) Levantamento documental: busca por mapas que revelam a evolução da mancha urbana no bairro e região imediata, sua memória rural, além de alterações nas estratégias do PDDUA em relação a esta área da cidade (figura 11).

2) Distribuição de um formulário online para moradores do bairro, com espaço para descreverem demandas, apontarem problemas, como imaginam possíveis melhorias na infraestrutura, e contarem suas narrativas sobre o bairro.

Figura 11: Caracterização do bairro



Fonte: Autora, 2022

3) Espacialização dos dados levantados - de caracterização da região, e respostas do formulário (figura 12). Elaboração de cartografias a partir de narrativas fotográficas do bairro e dos relatos dos moradores, para subsidiar o detalhamento e a implementação do plano.

Figura 12: Rede de conexões: resultados do formulário e síntese das demandas



Fonte: Autora, 2022

- 4) Planejamento e instrumentalização dos conceitos (figura 13), princípios e diretrizes do plano estratégico, articulando com a compreensão dos moradores sobre o espaço e prevendo cenários futuros. Delimitação de um caminho possível de projeto.

Figura 13: Ferramentas do Plano Estratégico



Fonte: Autora, 2022

- 5) Retomada do contato com os moradores que responderam o formulário, enviando resultados parciais do trabalho, e os entrevistando sobre seus entendimentos acerca da identidade do espaço, para poder prever e desenhar os possíveis lugares de encontro, enquanto intenção projetual na paisagem rururbana.

5. Resultados

Ao elencar as etapas do plano estratégico, foi possível estabelecer eixos conceituais estruturadores dos cenários possíveis que se pretendia explorar para o bairro Campo Novo. Os resultados do formulário permitiram sintetizar as principais questões que permeiam demandas socioambientais, e demandas de planejamento e de infraestrutura, apontadas pelos moradores. Dentre elas, nota-se uma reivindicação coletiva por mais espaços públicos abertos, áreas livres e de contato com a natureza, lugares de encontro.

Ademais, a análise sobre os sistemas de hierarquia, condicionantes legais e institucionais, aspectos geográficos, e questões de resiliência estratégica levantadas pela prefeitura permitiu também um entendimento sobre quesitos mais técnicos a serem tratados, tais quais: relação com córregos que cortam o bairro, proximidade da mata ciliar e encostas de morros, manejo de alagamentos e áreas de poluição ambiental.

Assim, elencou-se quatro eixos estruturadores, sendo que cada um possui relação com o caráter multiescalar deste plano, conforme figura 14.

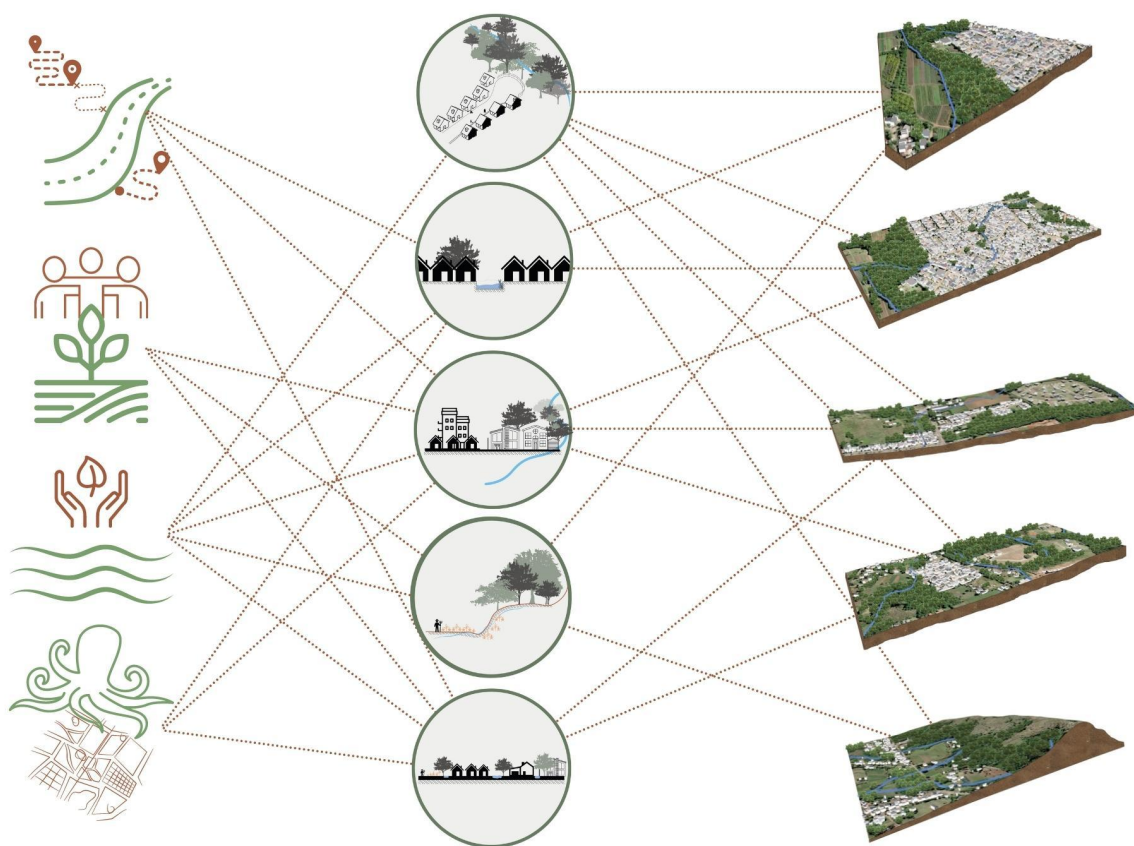
Figura 14: Eixos estruturadores



Fonte: Autora, 2022

Cada eixo conceitual se conecta com uma tipologia gerada a partir de uma análise de padrões da paisagem, ferramenta que identifica quais co-presenças, e conexões costumam se cruzar, tanto em relação à estrutura urbana (lote, tipologia construída, entorno imediato) quanto a sua interface com o ambiente natural (figura 15). Para além dessa primeira conexão, relaciona-se os padrões encontrados com fragmentos reais da paisagem do Campo Novo, reproduzidos em pequenos esquemas tridimensionais, onde é possível reconhecer os conflitos - retomando a abordagem de Haraway dos fios emolados e seus nós. Entre os caminhos, os espaços livres, e os córregos, quais interfaces de fato precisam de intervenção?

Figura 15: Síntese Metodológica



Fonte: Autora, 2022

A partir da compreensão dos problemas, é traçado um caminho possível de projeto (figura 16). Esse caminho nos leva a reconhecer quais lugares de encontro ocorrem, por exemplo, entre uma via coletora e o tecido urbano, entre um córrego canalizado e o espaço público, entre a encosta no morro e um lote rural. E a partir da compreensão dessas interfaces

surgem as estratégias, que são instrumentalizadas por meio da aplicação das ferramentas (figura 17) ilustradas anteriormente na figura 13.

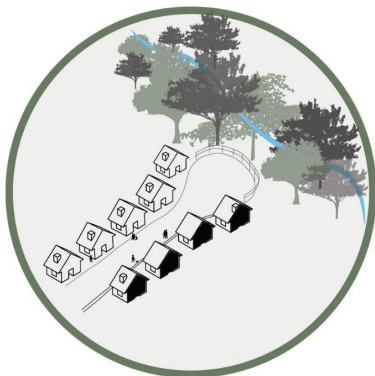
Figura 16: Projetar por caminhos



Fonte: Autora, 2022

Figura 17: Interpretação de padrões e aplicação da matriz 5w2h

Padrão/Interface 1: ocupação urbana interrompida pela proximidade ao arroio

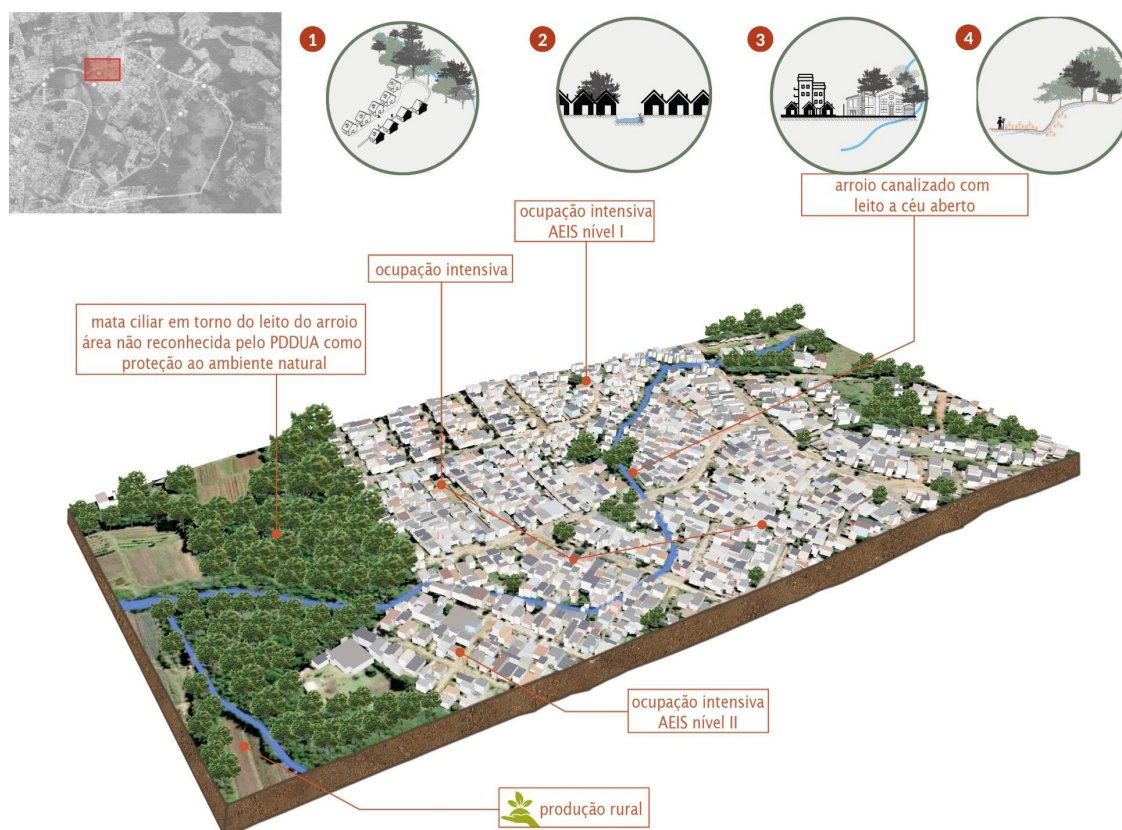


Fonte: Autora, 2022

A síntese apresentada na figura acima é apenas um exemplar de várias outras análises que podem surgir das conexões criadas nesta investigação, baseando-se em uma abordagem metodológica do planejamento a partir dos conflitos. Para além disso, utiliza-se também da ideia de um planejamento tentacular, ao questionar-se quais informações podemos absorver para adaptar um sistema à constância dos problemas e suas transformações.

Outra forma de aplicar essa rede de conexões conceituais no espaço, é tentar identificar onde os padrões analisados se manifestam na paisagem do bairro (figura 18).

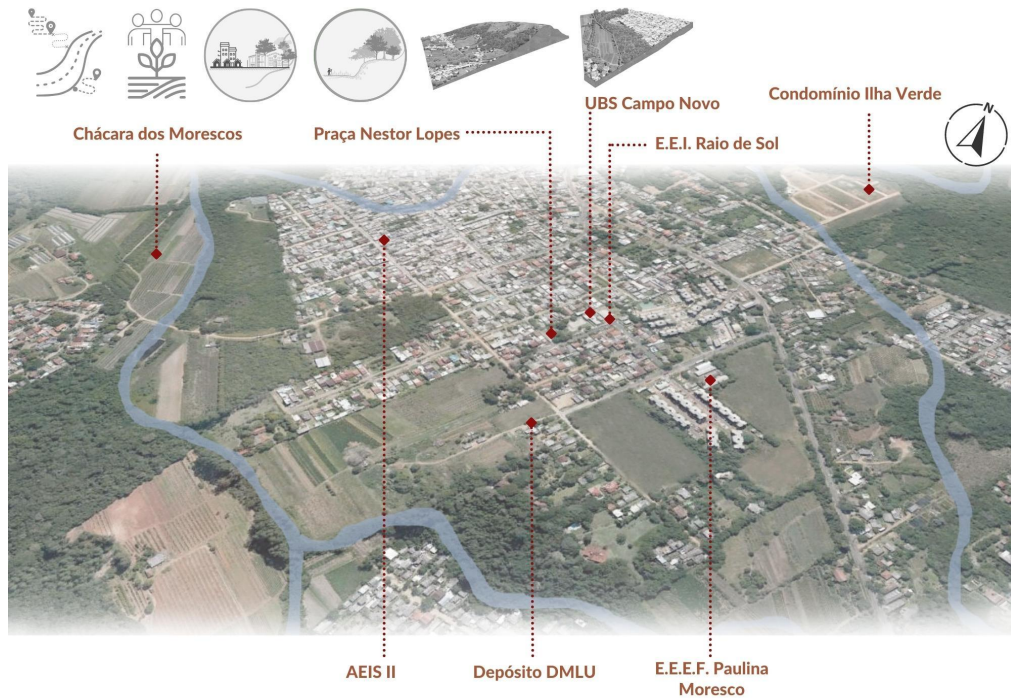
Figura 18: Reconhecimento dos padrões em interfaces da paisagem



Fonte: Autora, 2022

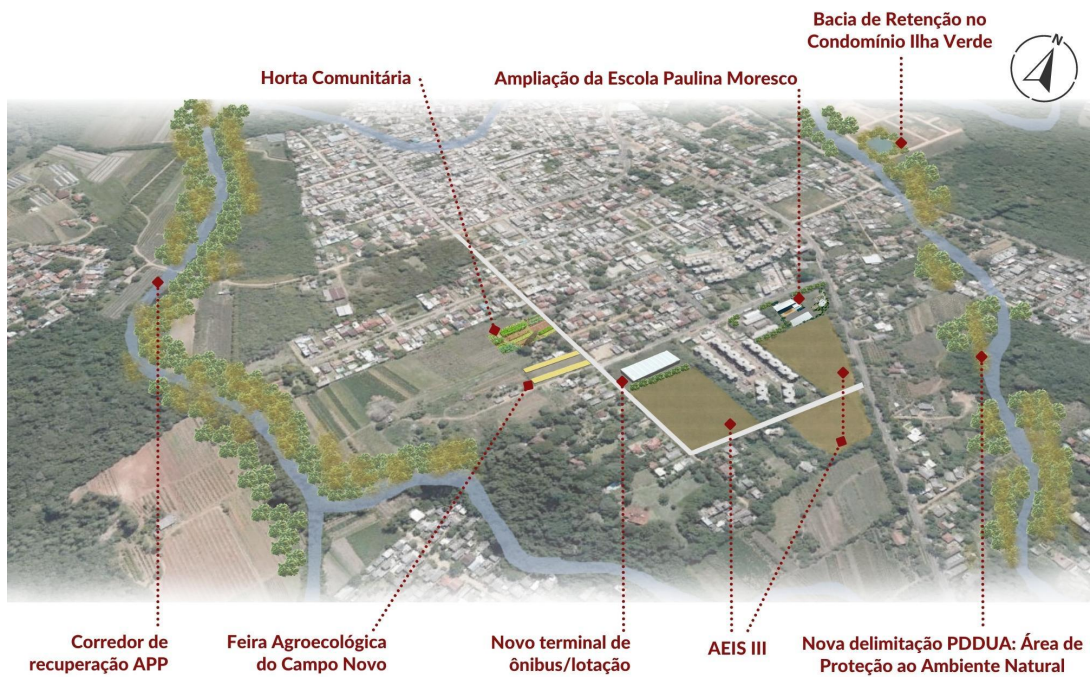
Identificando os nós dessa complexa rede de conexões e territorializando onde se estabelecem os conflitos (figura 19), pode-se especificar, por exemplo, locais que requerem implantação novas infraestruturas, zonas de recuperação ambiental, terrenos disponíveis para estabelecimento de equipamentos públicos, entre outros cenários possíveis para estratégias de gestão do território (figura 20).

Figura 19: Identificação das interfaces de planejamento do território



Fonte: Autora, 2022

Figura 20: Cenários possíveis - infraestrutura urbana e recuperação ambiental



Fonte: Autora, 2022

Os cenários possíveis extrapolam a macroescala do planejamento, podendo alcançar investigações sobre a operacionalização de tais estratégias na microescala. No entanto, essas escalas não se relacionam necessariamente de forma hierárquica e linear. O planejamento tentacular justamente compreende a interface de contato multiescalar como premissa de exploração projetual, de instrumentalização de um plano de ações a partir de uma visão estratégica e holística do espaço.

Por isso, os cenários possíveis permeiam desde intervenções em uma escala temporal mais permanente, que diz respeito à infraestrutura urbana, estrutura viária, aplicação de instrumentos legais, como exemplificado nas figuras 19 e 20; até experimentações na escala do lugar, com uma aplicação temporal mais dinâmica, atravessando o espaço vivido e percebido, a memória do usuário, o uso dos espaços (figuras 21 e 22). Evidenciando, assim, o caráter de escolha por permanecer com o problema, ao retomar de forma cíclica o cronograma de planejamento pensado no início deste trabalho, pois este compreende investigações na região, no território, na paisagem e no lugar.

Figura 21: Investigações na microescala



Fonte: Autora, 2022

Figura 22: Cenários possíveis - recuperação de mata ciliar em lotes de produção rural



Fonte: Autora, 2022

6. Conclusão

Antes de mais nada, cabe explicar que o TCC que embasou este artigo não pretendeu elencar respostas a todos os conflitos analisados no bairro Campo Novo. Na busca por entender as contradições que envolvem a evolução urbana do bairro, o trabalho se estruturou em investigar ferramentas para possibilitar lugares de encontro, estimular manifestações da coletividade, e estratégias que auxiliem a manutenção de uma relação afetiva do usuário com o espaço. Acima de tudo, que esta exploração projetual e alternativa metodológica possa vislumbrar para a prática do planejamento urbano novos caminhos, considerando o movimento constante e inevitável da existência que é o *dever*.

Como resultado final, que a abordagem do planejamento estratégico dê lugar a práticas projetuais que não busquem somente uma única solução para os problemas. A práxis do futuro arquiteto urbanista e paisagista deve reconhecer as demandas contemporâneas do habitar a terra e sua imprescindível co-presença com a diversidade de ecossistemas existentes. Por fim, é preciso reconhecer que problemas complexos requerem abordagens

multiescalares, e consonantes com a contínua transformação da paisagem natural, perseguindo sempre que possível um olhar mais gentil com o meio ambiente, com a memória de um espaço, e especialmente, com seus moradores.

Referências:

CHIAVENATO, Idalberto. **Planejamento estratégico**. Elsevier Brasil, 2004.

CHIODI, Vitor. **Fazendo nós: fazer-com no Antropoceno**. ClimaCom [online], Campinas, ano.4, n.9, Ago. 2017. Available from: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=7288>.

CONSTANTINOU, Eliane. **Dinâmica intra-urbana: aleatoriedade e emergência de padrões espaço-temporais**. 2007. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

CRUTZEN, Paul J. **The “anthropocene”**. In: Journal de Physique IV (Proceedings). EDP sciences. p. 1-5. 2002

HARAWAY, Donna J. **Staying with the Trouble**. Duke University Press, 2016.

TARDIN, Raquel (Org.) Análise, **Ordenação e Projeto da Paisagem: Uma abordagem sistêmica**. Rio de Janeiro: Rio Books. UFRJ. PROURB, 2018.